

Aumenta procura por escolas bilingües

GAZETA MERCANTIL

11 AGO 1998
Tendência não se restringe mais a famílias de diplomatas e atinge classe média de Brasília

Marina Oliveira
de Brasília
Especial para GZMDF

Matricular o filho em uma escola bilíngüe deixou de ser uma escolha comum apenas entre as famílias do corpo diplomático. O número de alunos brasileiros, sem vínculos com o serviço diplomático, em escolas bilíngües do Distrito Federal, aumentou nos últimos anos.

Um bom exemplo é a Escola Americana de Brasília (EAB), que em cinco anos registrou um aumento de quase 100% no seu corpo estudantil, saltando de 400 alunos, em 1993, para 700 no último ano letivo.

A explosão da demanda foi tamanha que a direção do colégio optou por não receber novos alunos. "Vamos ficar com o atual número de vagas e usar um processo cada vez mais criterioso na escolha de nossos estudantes", afirma Robert Werner, diretor da escola.

Os candidatos são selecionados com base em provas, entrevistas e mérito acadêmico, demonstrado pelo histórico escolar da criança.

Hoje, há listas de espera para várias séries. É o caso do jardim de infância, para crianças a partir dos quatro anos. E com uma taxa de matrícula de aproximadamente R\$ 4 mil - válida para todos os anos de permanência do aluno na escola - e mensalidades de R\$ 810, a disputa por vagas ganha ainda mais expressividade.

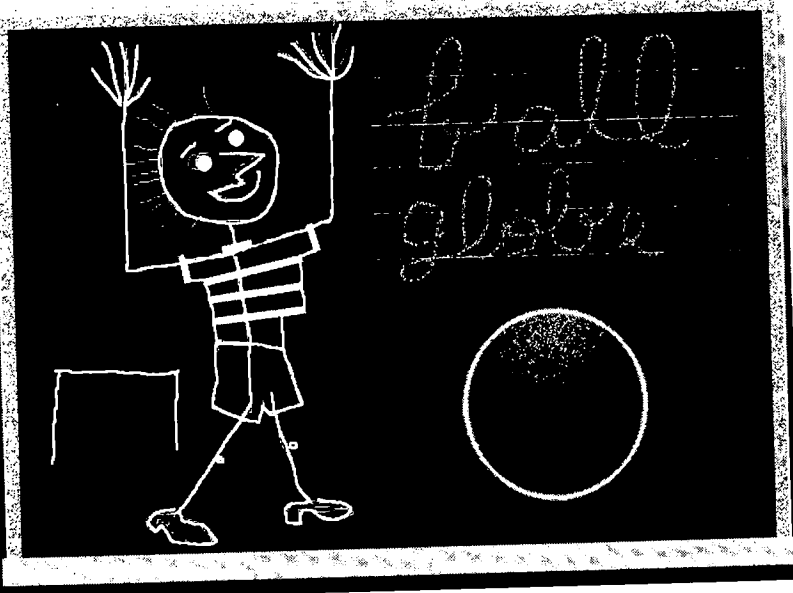
Um colégio tradicional como o Marista, por exemplo, cobra R\$ 328 na mesma série, taxa de matrícula incluída. O mesmo ocorre com o também tradicional Mackenzie, com preços de R\$ 387 por mês no jardim da infância. Os dois têm vaga.

As explicações para esse comportamento, registrado sobretudo na classe média alta, variam. Para Sônia Heub, especialista em psicologia escolar, a globalização leva os pais a procurarem uma educação bilíngüe para os filhos. "Famílias com maior acesso à informação querem preparar as crianças para um futuro que tem o inglês como o idioma principal", acredita Sônia.

O raciocínio da especialista encontra eco na casa da advogada Maria Alice Hasselmann. Helena, de 16 anos, e Eduardo, de 13, saíram do Marista para estudar na Escola das Nações, que resume sua filosofia pedagógica na frase que acompanha os cartazes da instituição: world citizens ou "cidadãos do mundo".

A única da família a obter uma educação tradicional foi Caroline, filha mais velha. "Naquele tempo havia um preconceito de que esse tipo de escola era só para filhos de diplomata. Com o tempo percebi que era uma besteira. Temos que preparar as crianças para o futuro e um colégio bilíngüe dá uma bagagem maior para o mercado de trabalho", diz Maria Alice.

O diferencial, segundo os pais, não está apenas no domínio do idioma. "A criança tem a possibilidade de conviver de perto com outras culturas, e isso é fundamental no mundo de hoje", acrescenta Gregório Rodrigues, analista legislativo na Câmara dos Deputados. Sua filha, Caroline, 4 anos, também estuda na Escola das Nações. "O mundo está cada vez menor. Só não vê quem não quer", completa. Segundo ele, muitas pessoas fora do círculo diplomático fizeram opção semelhante à sua. "Mesmo que minha filha nunca saia do País terá conhecimentos de muitos locais", pensa o algaono de 50 anos, que nunca viajou para fora do Brasil.



Paulo Andrade

Mas, por trás desse fenômeno aparentemente cultural, existe uma explicação essencialmente econômica. "O número de grupos internacionais com negócios no Brasil cresceu e, conseqüentemente, aumentaram as possibilidades de trabalho em empresas que exigem muita proficiência em inglês de seus executivos", afirma o diretor da Escola Americana. Isso porque para conseguir trabalhar em uma multinacional, o candidato precisa entender termos técnicos e saber o significado de expressões e jargões que não se costuma ensinar em cursos de inglês.

Segundo Robert Werner, um grande número de alunos brasileiros da escola vêm de famílias de economistas, pessoas ligadas ao mercado financeiro e a bancos internacionais como o Banco Mundial e o Interamericano.

Ele faz questão de enfatizar, no entanto, que não se deve colocar um filho em uma escola bilíngüe apenas para aprender muito bem o inglês. "Nosso objetivo é montar um programa academicamente forte, que prepare o aluno para as

melhores universidades do mundo. Aprender inglês é apenas uma parte nesse processo", frisa Werner. Da turma de 50 alunos, formados pela escola em junho passado (final do ano letivo no hemisfério Norte), 60% foram continuar seus estudos nos Estados Unidos ou na Europa.

Pedagogia

Sob a denominação de escolas bilíngües, os pais encontrarão visões diferentes de ensino. Na Escola Americana, por exemplo, os conteúdos de física, matemática, química, geografia e história geral são dados em inglês. Língua portuguesa e história do Brasil são as únicas partes do currículo passadas em português.

A Escola das Nações, por outro lado, encaixa-se melhor no perfil bilíngüe tradicional. O dia dos alunos divide-se em duas partes. Em uma, recebem o conteúdo em inglês, nos moldes norte-americanos; na outra seguem o currículo normal das escolas brasileiras.

Os alunos de segundo grau das duas escolas têm a opção de participar normalmente do Programa de Avaliação Seriada (PAS) - um vestibular modificado que reserva 50% das vagas da Universidade de Brasília (UnB) para os melhores colocados nas provas.

Outro motivo que leva as famílias da classe média alta a procurar colégios bilíngües: insatisfação com o modelo convencional de ensino. A pediatra Sáurea Burnett, tirou seus filhos Guilherme, 16 anos, Márcio, 13 e Carlos, 12 da Escola das Nações e matriculou-os no Mackenzie. Mas acabou se arrependendo depois de menos de dois anos. "Os meninos pediram para voltar para a Escola das Nações porque acharam o estilo das aulas no Mackenzie muito entediante", lembra.

Ela acredita que o modelo norte-americano, utilizado nessas escolas, incentiva mais o raciocínio. "Mesmo que o menino saiba menos fórmulas, no fim aprende mais porque entende o funcionamento das coisas", defende. As atividades extracurriculares como esportes, dança e teatro oferecidos por essas escolas também são citados como importantes na escolha dessas famílias.

"A criança fica ocupada o dia todo e não precisa daquela trabalheira de ficar levando de um lugar para outro, em aula disso e daquilo", diz Maria Alice. Embora não acredite que a procura por esse modelo de escola seja sinal de insatisfação com o sistema escolar, a especialista em orientação vocacional Sônia Heub, concorda que a escola tradicional está distante da realidade. "O aluno termina 11 anos de estudo sem perceber qualquer conexão entre a matéria dada e o mundo real", critica.